

Hipertexto e a Caixa-preta de Flusser: Realidade na Era da Tecno-imagem

Rafael Duarte Oliveira Venancio *

Universidade de São Paulo

Índice

1 Características do Hipertexto	2
2 Comunicação, Linha e Superfície	3
3 Realização da Caixa-preta	5
4 Tecno-imaginação entre a Conversação e a Conversa Fiada	6
5 Referências Bibliográficas	7

Resumo

Pensando na concepção de Vilém Flusser, formulada na década de 1970, de uma fusão entre a mídia linear e a mídia de superfície, o presente artigo busca estudar o hipertexto, como objeto privilegiado da Internet, enquanto modalidade midiática que se coloca em uma fase adiantada da tecno-imagem, sendo um texto que entrou em um “tipo de caixa-preta” e se transformou em algo além

*Mestrando em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), na área de concentração I: Teoria e Pesquisa em Comunicação e graduado em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela ECA-USP. Bolsista de Mestrado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Também é autor dos livros *Difusão Metropolitana e Divulgação Científica* (Plêiade, 2007) e *Jornalismo e Linha Editorial* (E-papers, 2009). E-mail: rdov1601@yahoo.com.br.

de uma imagem, uma “imagem de texto”. Para isso, vamos primeiramente analisar os componentes existenciais de um hipertexto para depois, após uma revisão dos conceitos comunicacionais de Flusser, entendermos como ele se coloca como uma fase adiantada da cultura da tecno-imagem.

Palavras-chave: Comunicação Fenomenológica; Internet; Mídia Linear; Mídia de Superfície; Relações Associativas

O advento das novas mídias representa muito mais do que uma mera substituição ou aprimoramento de estruturas comunicacionais. A Internet, sua maior representante, se coloca em uma constante marcha pela desconstrução de práticas midiáticas estabelecidas.

A tela do computador aparece agora como se fosse um novo “papel”, um suporte físico/não-físico onde a linearidade da escrita se funde com imagens, vídeos e, até mesmo, com outros textos construindo redes de significação através dos *links*. Sem dúvida, essa *demarche* não seria acompanhada sem críticas, mesmo por aqueles que se consideram estudiosos do novo campo, atualmente chamado de Teoria das Novas Mídias.

Andrew Keen (2007: 83), por exemplo, afirma que a “mídia da *Web 2.0* colocou o carro na frente dos bois – a nova informação disseminada nela é sem fim e emburrecedora”. Outras críticas – tais como que a Internet limita a memória, a criatividade e até mesmo a moral de seus usuários – não são muito difíceis de achar, até mesmo dentro de *blogs*, *sites* e redes de relacionamento da *web*.

No entanto, o mais interessante dessa “revolução” midiática está no fato de que ela parecia estar destinada a acontecer. Textos de duas a quatro décadas atrás parecem traçar o atual futuro para os meios de comunicação de massa de então, sem citar computador ou Internet, inexistentes ou muito restritos na época.

Um dos autores desses textos, ou seja, um dos pensadores que desenhavam esse futuro próximo era Vilém Flusser. Em seus textos na área da Filosofia da Comunicação, ele já pensava na predominância das superfícies comunicacionais – as telas de TV/Cinema e as mídias ilustradas – sobre a unidimensionalidade da escrita (Flusser, 2007a: 102) e, até mesmo, dotava-as de qualidades mais próximas das encontradas hoje nos *softwares*.

Assim, no presente trabalho, buscamos analisar o que faz da Internet ser um passo adiante na construção do que Flusser chamava, já no começo da década de 1980, de “tendência atual em direção a uma cultura de tecno-imagens” (Flusser 2007b: 146). Para isso, aprofundaremos no estudo de um determinado objeto da Internet: o hipertexto.

A escolha dele se faz justificada, pois, como demonstraremos ao longo do *paper*, o hipertexto é a melhor prova da mescla da escrita com o código eletrônico. Ou seja, que essa modalidade midiática se coloca em

uma fase adiantada da tecno-imagem, sendo um texto que entrou em um “tipo de caixa-preta” (Flusser, 2007b) e se transformou em algo além de uma imagem, uma “imagem de texto”.

Para provar tal teoria, vamos primeiramente analisar os componentes existenciais de um hipertexto para depois, após uma revisão dos conceitos comunicacionais de Vilém Flusser, entendermos como ele se coloca como uma fase adiantada da cultura da tecno-imagem.

1 Características do Hipertexto

O hipertexto, ou seja, aquela modalidade textual encontrada nas páginas *web* não foi a primeira forma de texto digital. Para ficar apenas no computador, podemos lembrar que, inicialmente, o texto se apresentava nas telas em forma de códigos e de comandos. Depois, começam a surgir interfaces – através dos mesmos códigos e comandos – que já permitem uma leitura de textos, tal como conhecemos, na tela. No entanto, essas não tinham nenhum apelo visual: eram apenas letras brancas ou sépias em um fundo preto.

Só que, com o surgimento de interfaces gráficas, o usuário do computador pode ler e escrever textos em simulacros de papéis, tal como em programas como o *Microsoft Word*. Aqui, o código e comandos se mascaram completamente, rodando apenas como matriz para o “papel digital” que nos é apresentado na tela.

No entanto, o “papel digital” deixa de ser a principal forma de assentamento computacional do texto escrito quando a Internet começa a se materializar e surgem os primeiros navegadores. Mesmo na mais sim-

ples programação HTML, a escrita lá apresentada – ou seja, no hipertexto – já se diferenciava, pois possibilitava aos signos uma fuga *in praesentia* da mera relação sintagmática.

Ora, tal como Ferdinand de Saussure (1997, 142-147) afirmou, os termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas de ordem de valores distintas. Uma que é o encadeamento da língua, combinando elementos linearmente – tal como na formação “a vida humana” – na mesma cadeia. A essas relações se dá o nome de sintagmáticas, já que sintagma é o nome dado por Saussure a essas combinações lineares de elementos.

A outra está nas relações fora do discurso entre palavras. Assim, no nosso exemplo “a vida humana”, poderiam surgir mentalmente outras relações que associassem o “humana” a outros termos como “deshumana”, “mundana” ou mesmo o “vida” a “existência”, “situação”, entre outras. A essas relações de associação que se apóiam em relações de memória e de livre associação se dá o nome de associativas (ou paradigmáticas em algumas traduções).

Na relação normal da língua, “a relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual” (Saussure, 1997: 143).

Ora, o hipertexto provoca uma pequena fissão nessas relações devido à existência do seu principal componente: os *links* ou *hyperlinks*. Através de *links* – que em alguns hipertextos como em plataforma *wiki* podem ser apenas uma palavra – a relação que era mnemônica virtual individual se torna presente coletivamente no âmbito virtual da In-

ternet. A leitura escrita com o hipertexto não precisa mais ser feita linearmente, há a possibilidade de leituras em profundidade, com idas e vindas no abismo associativo que a própria *web* nos apresenta.

Só que o hipertexto e os seus *links* se tornam uma “imagem de texto” com o surgimento de novas plataformas, tais como o *Adobe Flash*, que tratam texto e imagem de forma idêntica permitindo a fusão entre eles. Não há mais o lugar da imagem e o lugar do texto tal como na diagramação de um jornal, texto e imagem ocupam o mesmo lugar, sendo indissociáveis.

Para mostrar que o hipertexto é um passo adiantado da tecno-imagem, precisamos associar seus existenciais com o pensamento comunicacional desenvolvido por Flusser. Mas, sem dar amplos saltos teóricos, é importante revisarmos antes o patamar do solo filosófico que iremos adentrar.

2 Comunicação, Linha e Superfície

Vilém Flusser (2007c: 89) considera a comunicação humana como um processo artificial, baseado em formas não-naturais, através de símbolos organizados em códigos. Além disso, “o objetivo da comunicação humana é nos fazer esquecer desse contexto insignificante em que nos encontramos – completamente sozinhos e “incomunicáveis” –, ou seja, é nos fazer esquecer desse mundo em que ocupamos uma cela solitária e em que somos condenados à morte – o mundo da “natureza”” (Flusser, 2007c: 90).

Além disso, dentro dessa concepção, o homem se comunica para represar as informações adquiridas através dos símbolos artificiais ordenados. Assim, a comunicação se desdobra em duas formas: (1) “para pro-

duzir informação, os homens trocam diferentes informações disponíveis na esperança de sintetizar uma nova informação. Essa é a forma de comunicação *dialógica*” (Flusser, 2007c: 96-7); e (2) “para preservar, manter a informação, os homens compartilham informações existentes na esperança de que elas, assim compartilhadas, possam resistir melhor ao efeito entrópico da natureza. Essa é a forma de comunicação *discursiva*” (Flusser, 2007c: 97).

Apesar de serem implicados, Flusser (2007c: 98) afirma que, na era da comunicação de massa, há uma predominância do discurso provocando uma solidão mundana combinada com um sentimento de pertencimento histórico ou ao percurso histórico. Se vivéssemos tempos dialógicos, haveria um sentimento humano de estar sozinhos porque, mesmo com o diálogo agindo na co-presença, o homem se sentiria extirpado do rumo histórico.

Em um tempo discursivo como o atual, Flusser (2007a: 102) indica a ascensão das superfícies de leitura, ou seja, as telas de televisão (o computador pessoal ainda não tinha sido inventado) e de cinema ou mesmo nos cartazes e páginas ilustradas de revistas. Ora, dentro do raciocínio flusseriano, “as superfícies eram raras no passado. Fotografias, pinturas, tapetes, vitrais e inscrições rupestres são exemplos de superfícies (...). Mas elas não equivaliam em quantidade nem em importância às superfícies que agora nos circundam” (Flusser, 2007a: 102).

Antes, a escrita, que invoca uma concepção linear de leitura, era a principal forma de representação do mundo. Assim, “o pensamento ocidental é “histórico” no sentido de que concebe o mundo em linhas, ou

seja, como um processo. Não pode ser por acaso que esse sentimento histórico foi articulado primeiramente pelos judeus, o povo do livro, isto é da escrita linear” (Flusser, 2007a: 103).

Há, portanto, duas formas de leitura possíveis: a leitura-em-superfícies e a leitura-em-linhas. A leitura-em-superfícies foi a primeira a existir. Segundo Flusser (2007d: 131), “uma imagem é uma superfície cujo significado pode ser abarcado num lance de olhar: ela “sincroniza” a circunstância que indica como cena. Mas, depois de um olhar abrangente, os olhos percorrem a imagem analisando-a, a fim de acolher efetivamente seu significado; eles devem “diacronizar a sincronidade””.

As primeiras escritas, ou seja, as primeiras leituras-em-linha não se deram através da criação de novos símbolos. As antigas pinturas rupestres foram ordenadas em linhas de escrita cuneiforme, que arrancam “as coisas da cena para ordená-las novamente, ou seja, para contá-las, calculá-las. Ela desenrola a cena e a transforma em uma narrativa” (Flusser, 2007d: 132-3)

No entanto, a nova retomada das superfícies com a TV e o cinema provoca uma mudança na luta dialética das duas leituras. “Os códigos eletrônicos são um passo de volta aos textos, pois eles permitem que as imagens sejam compreendidas. Uma fotografia não é a imagem de uma circunstância (...), mas é a imagem de uma série de conceitos que o fotógrafo tem com relação a uma cena” (Flusser, 2007d: 136).

Flusser vai além ao afirmar que nem mesmo a câmera pode existir sem textos (as teorias químicas, no caso) e que o fotógrafo muito mais concebe ao “imaginar tecnicamente” do que registra uma cena. Aliás, o

próprio conceito de cena cai. Agora, as superfícies não são “uma cena de uma circunstância, mas um “modelo”, a saber, uma imagem de um conceito de uma cena” (Flusser, 2007d: 136).

Assim, “o “pensamento-em-superfície” vem absorvendo o “pensamento-em-linha”, ou pelo menos vem aprendendo como produzi-lo. E isso representa uma mudança radical no ambiente, nos padrões de comportamento e em toda a estrutura de nossa civilização” (Flusser, 2007a: 110-1). Flusser vai muito além dessa mera constatação. Ele afirma – e isso no começo dos anos 1970 – que “esses dois tipos de mídia [linear e superfície] podem se unir numa relação criativa. Deverão surgir, assim, novos tipos de mídia, o que tornará possível que se descubram os fatos novamente, abrindo novos campos para um novo tipo de pensamento, com sua própria lógica e seus próprios tipos de símbolos codificados: a síntese da mídia linear com a de superfície pode resultar numa nova civilização” (Flusser, 2007a: 119-120).

É nesse patamar que devemos falar da Internet e do hipertexto.

3 Realização da Caixa-preta

No entanto, por que devemos falar do hipertexto em termos flusserianos? Isso se deve ao fato de que ele, como principal existencial da Internet, é uma tendência avançada do rumo de nossa sociedade a uma cultura de tecno-imagens. Para Flusser (2007b: 146), esse tipo de cultura é “um gigantesco transcodificador de texto em imagem. Será um tipo de caixa-preta que tem textos como dados inseridos (*input*) e imagens como resultado (*output*). Todos os textos fluirão para essa

caixa (notícias e comentários teóricos sobre acontecimentos, *papers* científicos, poesia, especulação filosóficas) e sairão como imagens (filmes, programas de TV, fotografias)”.

O que Flusser não podia imaginar, nos anos 1970-1980, é que essa imagem poderia ser, até mesmo, um texto fluido, uma “imagem de texto” que é o hipertexto. O hipertexto possibilita levar a concepção flusseriana de caixa-preta ao limite. Além disso, o ambiente internético leva um melhor cumprimento da terceira posição do pensamento humano: a formalística ou, no limite, pós-histórica.

Ora, sendo a primeira posição denominada mítica – relacionada à primeira leitura-em-superfícies – e a segunda posição denominada histórica – relacionada à leitura-em-linha, a terceira posição é resultante da mistura causada pelo abarcamento da leitura linear por aquela de superfície. Para utilizar um elemento próximo dos anos 1980, data do texto, Flusser (2007a: 121) utilizou o teatro como exemplo: “a posição mítica corresponderia àquela assumida pelo dançarino que representa uma cena sagrada. A posição histórica, àquela assumida por um ator numa peça. A posição formalística corresponderia possivelmente àquela assumida pelo autor de uma peça”.

Flusser (2007a: 121-2) admite que o teatro é perfeito para caracterizar as duas primeiras posições. O dançarino tem consciência que atua simbolicamente e que, se sair dessa sua realidade, estará pecando, que é o limite da sua liberdade. Já o ator sabe que está atuando e que o simbolismo de sua atuação não é “da realidade”, mas sim uma convenção teatral, que pode ser mudada a seu bel-prazer, constituindo assim a sua “liberdade histórica”.

No entanto, a terceira posição, quando exemplificada pelo autor, não explica bem o que seria a “liberdade formal”. Para Flusser (2007a: 122), essa está melhor representada no “papel de um espectador de TV num futuro próximo. Ele terá à sua disposição um videocassete com fitas de vários programas. Estaria apto a mesclá-los e a compor, assim, seu próprio programa (...). Isso significa que o programa terá o começo, o meio e o fim que o consumidor quiser (dentro das limitações do seu videocassete), e significa também que ele poderá desempenhar o papel que quiser”.

Ora, esse *do-it-yourself* é melhor representado pela Internet, ou melhor, ainda pelas instâncias da *Web 2.0*, já que esse é o seu principal lema tanto para os apoiadores como para os críticos. Assim, o hipertexto em suas diversas plataformas – *wiki*, *flash*, *java*, HTML, entre outros – não é só o texto se tornando uma imagem, mas também uma ascensão do usuário como produtor. Agora *sites* (*blogs* ou não) e páginas pessoais dentro de grandes portais (como no *eBay*, *Amazon* e *Google*) podem ser personalizados, possibilitando o usuário a construir seu próprio hipertexto com *links* pré-existentes ou criados por ele. É uma bricolagem de um texto que não é mais visto como um texto, e sim como uma imagem, interpretando signos de forma em leituras-em-superfície.

4 Tecno-imaginação entre a Conversação e a Conversa Fiada

Todo esse processo também implica, para um Flusser (2007e) situado já na década de 1990, uma nova imaginação criada por cálculos adimensionais (*nulldimensional*), que

saíram do próprio código alfabético linear para criar as novas imagens através do adventos dos códigos digitais. Flusser também parece indicar que a própria bricolagem do usuário será automatizada.

Segundo ele, nossa busca na memória para compor algo, feita passo-a-passo, “pode ser automatizada e acontecer muito rapidamente. As imagens aparecerão na tela numa velocidade estonteante, uma após a outra. Pode-se observar essa sequência de imagens como se a imaginação tivesse se deslocado de dentro (digamos, da cabeça) para fora (para o computador), como se pudéssemos ter nossos próprios sonhos do lado de fora” (Flusser, 2007e: 173).

Esse salto “do nível da existência linear para um nível de existência totalmente abstrato, adimensional (para o “nada”)” (Flusser, 2007e: 177) nos faz lembrar, principalmente se estamos falando do hipertexto como tendência avançada dessa situação, do primeiro trabalho de Vilém Flusser, *Língua e Realidade*.

Em sua primeira edição, pela editora Herder, há o desenho de um globo que seria a fisiologia da língua (Flusser, 1963: anexo). Perto do Equador da Realidade, há “zonas climáticas da língua” (Flusser, 1963: 146), sendo a “conversação” na parte superior do Equador (dentro do hemisfério do autêntico, da realidade) e a “conversa fiada” na parte inferior do Equador (dentro do hemisfério do inautêntico, da irrealidade).

Nessa divisão, principalmente ao afirmar que o hemisfério inferior é o reino do *man* (Flusser 1963: 146), fica claro a influência fenomenológica de Heidegger no pensamento filosófico de Flusser. O conceito *man* – traduzido por Flusser como *a gente* e como *impessoal* por Carneiro Leão em sua

tradução de *Ser e Tempo* (Heidegger, 2005) – é um conceito-chave na filosofia heideggeriana.

O *man* é a própria condição do *Dasein* enquanto dissolvido nas grandes multidões, ou seja, especialmente no âmbito dos meios de comunicação de massa (Heidegger, 2005: 179). Um de seus principais existenciais é o *das Geredete*, a “conversa fiada” de Flusser ou *falatório* dentro da tradução em voga para o português de *Ser e Tempo* (Heidegger, 2005).

Flusser (1963: 153-4) acreditava que o termo em português “conversa fiada” era melhor que o próprio *das Geredete*, pois o termo *fiado* – ou seja, emprestado – representa melhor essa situação onde “frases formuladas por intelectos participando da conversação são apanhadas por pseudointelectuais participando da conversa, sem jamais serem inteiramente apreendidos e compreendidos” (Flusser, 1963: 154).

A afirmação que o *man* é pseudointelectual deriva da concepção de que “são fantoches, imitações de intelectos, intelectos embrionários, algo quase real, porém ainda abaixo do equador da realidade” (Flusser, 1963: 154). As consequências são terríveis, pois esse processo “nega a qualidade de *realidade* a uma grande parte da humanidade e degrada-a ao estágio de *coisa*, isto é, instrumento potencial dos intelectos realizados” (Flusser, 1963: 155).

Pensando a bricolagem da cultura das tecno-imagens, podemos pensar em uma construção contínua de *man* através do hipertexto. Ora, não são os *spams* e *twitters* as principais formas de replicação – de conversa fiada – que temos na Internet e em grande quantidade e alcance?

Talvez seja por isso que Flusser, ao pensar a realidade na cultura da tecno-imagem, não possui visões otimistas. Ele alerta afirmando que “os novos meios, da maneira como funcionam hoje, transformam as imagens em verdadeiros modelos de comportamento e fazem dos homens meros objetos” (Flusser, 2007f: 159).

No entanto, há possibilidade, para Flusser, de salvação desse futuro – futuro esse que é, no limite, a tendência avançada do hipertexto e da Internet. No mesmo texto com uma conclusão pessimista, há advertência de que “os meios podem funcionar de maneira diferente, a fim de transformar as imagens em portadoras e os homens em designers de significado” (Flusser, 2007f: 159).

Para entendermos como a realidade nessas novas mídias pode se tornar positiva temos que retornar à “zona climática” da conversação. Flusser (1963: 232-4) demonstrou seu fascínio pelo “poder criador da língua poética” e de como “múltiplas conversações” e “subconversações” poderiam resgatar esse poder, normalmente desgastado pela visão lógica da língua.

Ora, podemos então perceber que Flusser, mais de vinte anos depois, via nas tecno-imagens esse potencial poético em uma nova imaginação que “promete colocar em cena as capacidades que até agora apenas dormitavam em nós” (Flusser, 2007e: 177). Tal como os abismos do ser procurados por Heidegger em sua busca dos existenciais do *Dasein*, as tecno-imagens possuem seus abismos – que, no limite, podemos considerar os *links* do hipertexto como prenúncios deles – onde a *poiesis* pode surgir e impedir que a vivência internética, ou algo mais além, seja uma realidade de mera conversa fiada.

5 Referências Bibliográficas

- FLUSSER, V. (1963). *Língua e Realidade*. São Paulo: Herder.
- FLUSSER, V. (2007a). “Linha e Superfície”. In: FLUSSER, V. *O Mundo codificado* (organizado por Rafael Cardoso). São Paulo: Cosac Naify: 102-125.
- FLUSSER, V. (2007b). “O futuro da escrita”. In: FLUSSER, V. *O Mundo codificado* (organizado por Rafael Cardoso). São Paulo: Cosac Naify: 139-150.
- FLUSSER, V. (2007c). “O que é comunicação”. In: FLUSSER, V. *O Mundo codificado* (organizado por Rafael Cardoso). São Paulo: Cosac Naify: 89-100.
- FLUSSER, V. (2007d). “O mundo codificado”. In: FLUSSER, V. *O Mundo codificado* (organizado por Rafael Cardoso). São Paulo: Cosac Naify: 127-137.
- FLUSSER, V. (2007e). “Uma nova imaginação”. In: FLUSSER, V. *O Mundo codificado* (organizado por Rafael Cardoso). São Paulo: Cosac Naify: 161-177.
- FLUSSER, V. (2007f). “Imagens nos novos meios”. In: FLUSSER, V. *O Mundo codificado* (organizado por Rafael Cardoso). São Paulo: Cosac Naify: 152-159.
- HEIDEGGER, M. (2005). *Ser e Tempo*. Parte I. Petrópolis: Vozes.
- KEEN, A. (2007). *The cult of the amateur: how today’s internet is killing our culture*. New York: Doubleday.
- SAUSSURE, F. DE (1997). *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix/Edusp.